

SEGUNDO CADERNO

SÁBADO, 2 DE JULHO DE 2011

Obra fora da jaula

Peça, romance inédito, exposição e filme celebram o escritor e pintor esquizofrênico Rodrigo de Souza Leão, morto há exatos dois anos

Luiz Felipe Reis
luiz.reis@oglobo.com.br

Ele insistiu para que fosse internado o mais rápido possível. Sete dias mais tarde, o coração pulso pela última vez. Era 2 de julho de 2009. Exatos dois anos atrás. Suicídio, automedicação excessiva, morte acidental, natural? Hipóteses que a autópsia descartada pela família jamais irá esclarecer. Para eles, bastou uma carta deixada pelo escritor, poeta e pintor Rodrigo de Souza Leão, então com 43 anos. Ne-la, dizia ter sofrido, mas que a vida tinha valido a pena. A pena de ser esquizofrênico o havia feito pensar que viver muito era para "quem não tinha problemas". Aquela altura, acabara de lançar seu primeiro livro, "Todos os cachorros são azuis", coisa que desde os 27 anos tentava obstinadamente. Torcia para que existisse algo além da vida. E era curioso para saber se o livro venderia ou não. "Depois que morre todo escritor vende...", ironizava. Na carta aos pais, se despedia com a esperança de que a eternidade fosse possível através de seus livros, músicas, telas... Aos poucos, isso se torna realidade através de uma série de projetos, que começa no próximo sábado, às 20h, com a estreia (para convidados, e, no dia seguinte, para o público) da peça "Todos os cachorros são azuis", adaptada do livro homônimo, seguida do lançamento do romance inédito "O esquizoide — O coração na boca" (leia resenha ao lado), ambos no Teatro Maria Clara Machado, no Planetário. Até o fim do ano, ainda está prevista uma grande exposição de suas pinturas e seus poemas. E, em 2013, chega aos cinemas o longa-metragem "Azuis" (título provisório), também baseado em "Todos os cachorros são azuis", e com roteiro e direção de Felipe Bragança. Cauã Raymond vai interpretar o escritor.

— Estrear a peça e lançar o livro na semana em que se completam dois anos da morte do Rodrigo é motivo de celebração — diz Ramon Mello, organizador da obra de Souza Leão. — Lembro que ele dizia: "Eu sou louco, escrevo e tento colocar a minha loucura no que eu faço." Esse é o grande mérito da obra: escrever com tanta sinceridade. Rodrigo inventava mundos, termos, como o poeta em busca de novas linguagens. Então quando diz coisas como "Todog, a gente pensa... "O que é Todog?" Ou você entende ou não. E ele escreve: "Depois que eu morri, as pessoas continuaram a seguir o Todog." É isso que está acontecendo agora.

Assim como Rodrigo, Ramon também é poeta e jornalista, mas foi a faceta de ator que o fez imaginar a narrativa fragmentada e não linear da trajetória de um homem internado no hospício vertida para os palcos. Ramon atua, é o idealizador da montagem e coassina com Flávio Pardal e o diretor Michel Bercovitch a dramaturgia da peça, que conta ainda com as atrizes Camila Rhodi, Bruna Renha e Natasha Corbelino e o ator Gabriel Pardal representando os rasgos de delírio e lucidez do autor, num monólogo-mosaico a cinco vozes.

— A peça chega para que mais gente conheça a história do Rodrigo, não só a biográfica, mas a mente de um cara que sofre com a esquizofrenia, mas que é um puta escritor.

Bercovitch complementa:

— É a memória do Rodrigo, o que ela evoca a partir de alucinações e fatos vividos nas interações. O que se extrai disso não é um relato, mas uma análise profunda, todo um diagnóstico de que nem sei se ele tinha consciência. Abordamos a relação dele como o manicômio, os internos, os remédios, a família, o delírio de situações e personagens inventados. É a permanência dele na jaula.

Continua na página 2



O ELENCO de "Todos os cachorros são azuis", com Ramon Mello à frente: estreia no próximo sábado, seguida do lançamento do livro "O esquizoide — O coração na boca"



RODRIGO DE SOUZA LEÃO

(acima) será tema de uma grande mostra até o fim do ano, reunindo 20 de suas pinturas, como "A morte do Saci" (no alto), e alguns poemas inéditos

Matéria de salvação

Marcelo Moutinho *

• "Eu sou esquizofrênico", avisa o narrador de "O esquizoide — O coração na boca" logo na primeira frase do livro. Estabelecendo uma analogia com a condição do próprio autor, a confidência serve como ponto de contato inicial com os dois romances anteriores de Rodrigo de Souza Leão. Outros virão ao longo das 77 páginas da nova obra.

Como em "Todos os cachorros são azuis" e em "Me roubaram uns dias contados", há a experiência da internação no hospício, a denúncia do tratamento nos manicômios, o trauma pelo corpo obeso, delírios persecutórios, alusões a medicamentos. A CIA e a KGB são mais uma vez mencionadas, e repetem-se as citações de escritores, bandas de rock, filmes e livros. O estilo de Rodrigo igualmente se confirma: orações curtas, das quais brotam pensadas, aforismos, alambicamentos, humor, lirismo e alguma violência.

É uma caligrafia singular, que, como destaca Silvana Guimarães na apresentação, "amontoa delírio e lucidez, melancolia e resistência, solidão e solidão". Mas há dois elementos que distinguem o novo romance. Ao contrário dos trabalhos precedentes, em "O esquizoide" Rodrigo abdica de transformar autores do cânone, como Baude-laire, Rimbaud ou Kafka, em personagens. Além disso, a história é linear, com enredo quase à moda clássica.

Tudo começa quando o protagonista revela que "um japonês", com uma zarabatana, inoculara uma bomba em seu corpo. Bomba que, teme ele, pode ser detonada a qualquer momento. Essa alucinação, tratada como acontecimento plausível, deflagra uma paranoia: a sensação de estar assado, de ser vítima de um complô que inclui colegas de empresa e até parentes.

Entre muitas fantasias e poucas certezas, o narrador passa a expor a rotina de um esquizofrênico. Relata, em primeira pessoa, os dias de internação, as crises, a relação com a família, o amor — correspondido — por Carina, sua enfermeira, com quem acaba tendo um filho.

Exprime as dores mais íntimas, aquecidas pela sensação de desajuste. "Ser esquizofrênico é acordar no escuro tudo estando claro", diz.

A biografia de Rodrigo e o tom confessional da escrita — patente também nos outros livros — estreitam os laços entre vida e obra, fazendo-os quase indissociáveis. O novo romance, porém, tem menos voltagem poética. O caldo denso que escorria das palavras, sobretudo no ótimo "Todos os cachorros são azuis", tornou-se rarefeito.

Isso porque a potência do livro de estreia vinha justamente do fluxo impetuoso que carregava, na mesma corredeira, consciência e ilusão. Sem fronteiras rígidas. Apostando na fragmentação e transcendendo gêneros, Rodrigo espelhava a tensão entre loucura e lucidez de maneira menos, digamos, "organizada". Em "O esquizoide", o enredo parece convertido em armadura.

Pequenos deslizes, como a presença de cacógrafos ("há via dado") e expressões gastas — "o pão que o diabo amassou", por exemplo, aparece duas vezes —, sugerem também que o texto talvez viesse a ser burlado pelo autor, caso a morte não o tivesse levado precocemente. Como ele, aliás, previa.

"A vida é só um segundo. Um afילו segundo para um esquizofrênico como eu", comenta, em "O esquizoide". E Rodrigo fez muito em tão breve tempo. Com três livros, inscreveu-se em uma tradição da qual fazem parte Lima Barreto, Maura Lopes Cançado e Stella do Patrocínio, entre outros autores, só para ficarmos em âmbito brasileiro. Com sua arte, tentou "derreter o gelo que às vezes forma geleiras e icebergs na alma", atenuando as aflições que a esquizofrenia lhe impôs.

Em determinada passagem, quando inventaria os inconvenientes do hospício, o narrador do novo romance reclama do alarido promovido pelos internos. E, então, salienta: "Há um desespero na loucura que me parece incontrolável e o berro talvez seja como dizer 'eu ainda existo e existe vida em mim'". A literatura foi, para Rodrigo, esse grito: matéria de salvação.

* MARCELO MOUTINHO é escritor e jornalista

